

A BATALHA DA INGLATERRA E A II GM: A VITÓRIA SOBRE A ALEMANHA

Maria Lucia Valada de Brito*
Claudia Maria Souza Antunes **

RESUMO

Este artigo objetiva identificar e analisar a Batalha da Inglaterra – WWII, no período entre julho e outubro de 1940, segundo a influência dos teóricos da estratégia militar e dos teóricos do Poder Aéreo, quanto às decisões tomadas, estratégias e desenvolvimento da guerra, desde seus antecedentes, envolvendo a esfera política e a militar. Procura-se dar uma visão prospectiva sem deixar de relacionar os fatos importantes da história. A metodologia empregada consistiu na pesquisa exploratória e bibliográfica do livro de Korda: Com Asas de Águia: Uma História da Batalha da Inglaterra e de Douhet. Como objetivos específicos pretende-se a compreensão dos termos utilizados no Poder Aéreo, em uma abordagem analítica qualitativa. Conclui-se que houve uma correlação, na amostragem pesquisada, das ações e sua contextualização histórica, em que foram elencados os principais pontos da influência dos teóricos do poder aéreo na Estratégia Militar. Em geral, este artigo científico teve seu objetivo atingido ao analisar a Batalha da Inglaterra nas questões do problema colocadas com os contrapontos que se fizeram necessários em face da magnitude do assunto, que levaram à vitória da Inglaterra. E conclui-se que a capacidade de dissuasão de um país está intrinsecamente ligada à capacidade de poder.

Palavras-chave: Poder Aéreo; II GM; Estratégia e Defesa; Dissuasão.

* Maria Lucia Valada de Brito - Mestranda da Universidade da Força Aérea – UNIFA.

** Claudia Maria Souza Antunes - Profa. Dra. do Programa de Ciências Aeroespaciais da UNIFA.

Mundial, certamente não era imune à luta política. Como um exemplo-chave, Winston Churchill observou os eventos que ocorreram entre a Primeira Guerra Mundial e a Batalha da Grã-Bretanha como fortes indicadores de que uma futura guerra com a Alemanha estava a caminho, e que o rearmamento e uma força de ar mais forte em especial, uma em que o combate incluísse jatos, eram necessários para defender a Inglaterra.

Assim, o objetivo deste artigo científico é identificar e analisar prospectivamente os impactos das decisões tomadas, estratégias e desenvolvimento da guerra sob o olhar dos teóricos do poder aéreo como: Gen Giulio Douhet, BrigGen William (Billy) Mitchell, MajGen Sir Hugh Trenchard e Maj Alexander Seversky

Além disso, há outros teóricos da estratégia militar como: Gen Sun Tzu (chinês), Gen Vegetius (romano – sábio, cristão), Nicolau Maquiavel, Gen Carl Von Clausewitz (prussiano), Barão Antoine-Henry Jomini.

As primeiras ações da Alemanha ocorreram em 1930. O objetivo alemão era o de destruir a capacidade de os britânicos lutarem no ar. Inicialmente os alemães bombardearam os aeródromos à volta de Londres, para destruir a capacidade de resposta da RAF, mas se depararam com surpresas desagradáveis. A batalha da Inglaterra começou logo que a França se rendeu em Junho de 1940, mas, como os alemães não tinham planos para efetuar uma invasão e não contavam com a continuação da resistência da Grã Bretanha, não foi possível implementar de imediato operações contra as ilhas britânicas. A Inglaterra não esperava ser atacada. Toda parte diplomática entrou em ebulição em 1930. Apesar disso, a Inglaterra ajudou a França, mais tarde. Todas as ações da Alemanha criaram um ambiente político que aproximou os teóricos da política e da estratégia militar que serão analisados.

O objetivo geral do artigo é analisar a influência de Dowding e do Comando de Caças na vitória da RAF, correlacionando-os às teorias dos pensadores do Poder Aéreo segundo a influência dos teóricos da estratégia militar e dos teóricos do Poder Aéreo, no referente às decisões tomadas, estratégias e desenvolvimento da guerra, desde seus antecedentes, envolvendo tanto a esfera política como a militar. Os objetivos Específicos serão analisar a posição dos teóricos e decisões tomadas, estratégias e desenvolvimento da guerra da Inglaterra; identificar os interesses políticos de fazer a guerra na Batalha da Inglaterra e seus fatores marcantes da Alemanha e da

ainda da marinha de guerra mais poderosa do mundo e isto foi fundamental para manter as linhas de abastecimento internamente e as providas dos Estados Unidos e Canadá.

Desde a rendição da França, em junho de 1940, até a invasão da União Soviética, em junho de 1941, a Grã Bretanha permaneceu como a única potência em luta contra a Alemanha nazista.

Ainda segundo esse autor,

Diante da férrea postura de Winston Churchill, Hitler começou a planejar a "Operação Leão Marinho". Hermann Göring, comandante da Luftwaffe, exultava, sua aviação só havia colhido até então vitórias esmagadoras sem sofrer praticamente baixas, prometendo a Hitler acabar com a aviação inglesa em poucos dias.

A estratégia se baseava na completa aniquilação da RAF o que permitiria à Wehrmacht um desembarque sem maiores contratempos nas costas britânicas. Para tanto, Göring contava com a Luftflotte 5, com base na Noruega; a Luftflotte 2, na Holanda; a Luftflotte 3, no oeste do rio Sena, num total de 3600 aviões contra apenas 871 da RAF.

Confiando na estratégia de Göring, Hitler ordenou que seus generais preparassem a invasão para início de julho. Os chefes do Exército e da marinha exigiram que a Luftwaffe atacasse de modo implacável, durante três dias, a fim de conseguir uma superioridade numérica total no sudeste da Inglaterra.

Alcançado o objetivo, a unidade de paraquedistas de Kurt Student cairia sobre Dover para estabelecer uma gigantesca cabeça de ponte, A Marinha de Guerra passaria então a transportar as forças terrestres, contando que já não haveria ameaça britânica desde o ar.

No início de julho, a Luftwaffe se dedicou a atacar comboios navais britânicos sobre o Canal

prolongados por suas limitações de combustível. Göring decidiu mudar de tática e passou a combater sobre solo inglês.

Os aviões ingleses eram mais fáceis de destruir, se os impactassem antes de levantar voo. Entretanto, os britânicos utilizaram um sistema de camuflagem dificultando a percepção dos aparelhos no ar. Por outro lado, posicionaram os aparelhos por detrás de muros de cimento, resguardando-os dos impactos das bombas inimigas. Outra tática britânica de êxito consistia em criar hangares falsos, camuflando os verdadeiros.

[...]

A operação Dia da Águia prosseguia com excelentes resultados, quando, em 24 de agosto, o porto de Londres foi bombardeado, segundo os alemães, por erro. Era a primeira vez nesta guerra que se atacava a população civil. Apesar das desculpas do Reich, Churchill valeu-se do episódio, preparando um ataque aéreo sobre Berlim. O bombardeio sobre a capital germânica foi, sobretudo, um golpe de efeito para elevar o moral britânico, já que a RAF ainda não estava em condições de levar a cabo um ataque de grande envergadura sobre solo alemão.

A data do bombardeio sobre Berlim foi escolhida a dedo para coincidir com a entrevista do ministro do Exterior do Reich, Joachim von Ribbentrop com seu homólogo soviético, Viacheslav Molotov para demonstrar à União Soviética o iminente triunfo alemão. A entrevista teve de ser interrompida para que os assistentes pudessem baixar a um refúgio antiaéreo porque Berlim estava sendo bombardeada pela RAF.

O episódio fez com que Molotov não desse crédito às palavras de Ribbentrop: "Se a vitória é certa, por que estamos, então, neste refúgio e quem está lançando as bombas?". Embora os danos do bombardeio britânico sobre Berlim

E, para isso tem que ser única, independente e forte. Para Douhet (1988): "Conquistar o domínio do ar significa vencer, e ser derrotado no ar significa ser vencido e obrigado a aceitar qualquer condição que o inimigo queira nos impor". Como segue em Douhet (1988, p. 46), "o fracasso na obtenção do domínio do ar significa derrota e impõe a necessidade de aceitar quaisquer condições de paz que o inimigo queira impor".

E, para ele, dominar o ar "significa estar em condições de impedir o voo do inimigo ao mesmo tempo em que garantimos esta faculdade para nós mesmos."(Douhet, 1988, p.48). Para tanto, seria necessário destruir os meios inimigos em vôo, em suas bases, depósitos ou fábricas (Douhet, 1988, p.59).

Além disso, Douhet foi o primeiro a perceber que a chave do Poder Aeroespacial estava na escolha criteriosa dos alvos. Ele resumiu, identificando cinco sistemas básicos como centros vitais de um país moderno: indústria, infraestrutura de transporte, nós de comunicação, edificações governamentais e, o mais importante, a vontade de lutar do povo. Para Douhet, o emprego massivo do ataque aéreo levaria a população inimiga ao pânico e à desistência do combate, sem a necessidade de envolvimento das forças de superfície. Em sua teoria de uma Força Aérea independente, forte e unificada, Douhet (1988, p. 25) diz que "a força lutando no ar deve operar em uníssono com seus parceiros de terra e mar, mas não deve depender deles", portanto, operar em uníssono, mas nenhum deve depender do outro. Depois, Douhet (1988, p. 57), "uma força aérea é capaz de obter o domínio do ar, ela deve ser independente das forças de terra e de mar com respeito à organização e atividades".

"O domínio do ar somente pode ser conquistado por uma Força Aérea adequada. Dominar o ar significa encontrar-se em condições de impedir o vôo do inimigo, conservando esta faculdade para nós mesmos." Douhet (1988). Esse autor entende que quanto à Defesa Nacional, só pode ser garantida por uma Força Aérea suficientemente poderosa quando diz: "A Defesa Nacional não pode ser assegurada a não ser por uma Força Aérea apta, em caso de guerra, para conquistar o domínio do ar." Douhet (1988).

Na sequência, Douhet (1988, p. 131-132) entende que quanto ao termo "Força Aérea": "não me refiro a qualquer aviação militar que esteja capacitada a desempenhar qualquer espécie de ação militar; refiro-me àquela aviação bem adequada à tarefa de obtenção do domínio do ar". Ademais, pela expressão "domínio do ar", não

quero denotar supremacia no ar, nem preponderância dos meios aéreos, mas a capacidade de voar contra um inimigo que esteja incapaz de fazer o mesmo. Esta é a conclusão lógica destas duas definições: "aquele que possui o domínio do ar desfruta da dupla vantagem de ser capaz de impedir a inimigo de atacar seu território e mares circundantes pelo ar e de infligir ofensivas aéreas sobre o inimigo". Por fim, Douhet (1988, p. 162) reforça: "Para que possa alcançar suas finalidades, uma Força Aérea deve ser uma organização complexa, autônoma, capaz de movimentar-se no ar e mudar sua localização na superfície".

Assim, para esse autor o Domínio do Ar é o fator determinante da vitória, o que aconteceu de fato na Batalha e vitória da Inglaterra. Também em sua premissa básica: Se existem nações que não podem ser atingidas pelo mar, não existe nenhuma que não possa sê-lo pelo ar. E, conquistar o domínio do ar significaria vencer e, ser derrotado no ar, significaria ser vencido e obrigado a aceitar qualquer condição que o inimigo queira impor. O domínio do ar somente poderia ser conquistado por uma Força Aérea adequada, ou seja, dominar o ar, significaria encontrar-se em condições de impedir o voo do inimigo, conservando esta capacidade e manutenção da soberania no espaço aéreo.

A Defesa Nacional somente poderia ser assegurada por uma Força Aérea dimensionada e com capacidade de, em caso de guerra, conquistar e manter o domínio do ar. Douhet também queria a formação de Força Aérea independente, contudo não se pode negar as outras forças terrestres e marítimas que devem fazer o trabalho integrado e de apoio logístico para a vitória total. Ele também pensava que a capacidade de recursos tem que ser proporcional a infligir dano ao inimigo. Mitchel já tinha provado isso. Jasper (2016).

Ainda, Douhet, dito pelo pro Jasper (2016) o domínio do ar seria pelo bombardeiro, que era a base principal, objeto do autor. A tecnologia e inovação contraparte a teoria de Douhet, apesar disso a Força aérea inglesa evoluiu. Douhet privilegiava o bombardeiro, não levou em conta principalmente a inovação tecnológica. Assim, o domínio do ar precisa de aviões bem capacitados, mas adquirindo e se inovando constantemente.

Jasper (2016) diz que na batalha da Inglaterra, e Douhet, o objetivo era "formar uma Força Aérea poderosa e o domínio do ar".

uma forma de baixar o moral inimigo. Ele acreditava que os aliados poderiam atacar o centro da Alemanha, suas cidades (indústria, infraestrutura, população... etc). Isso se refere a uma Paralisia estratégica. O que aconteceu em ambos os lados. Para ele o mais importante era desenvolver uma ofensiva que obrigasse o inimigo a proteger-se da aviação e colocar-se na defensiva. Ele enfatizava a possibilidade de o Poder Aéreo destruir pontos vitais do inimigo; que a RAF deveria ser usada contra objetivos diversos das forças armadas inimigas; e que a eficácia seria maior se aquela Força fosse utilizada para destruir, não aviões inimigos, mas suas fábricas.

Trenchard falava que os bombardeiros aéreos gerariam os mesmos efeitos que um canhoneio naval contra alvos localizados em áreas urbanas. Os bombardeios, portanto, não poderiam ser considerados ilegítimos desde que efetuados contra alvos militares e observadas leis internacionais e ditames humanitários. Afirmava que ataques aéreos seriam inevitáveis e seu próprio país estaria sujeito a eles.

O teórico Maj. Alexander Seversky pensava que o poder de um país seria medido pelo seu poder aéreo. O bloqueio e destruição das retaguardas seria assegurado de forma mais eficaz, a partir do ar; assim o bloqueio de uma Nação seria responsabilidade e função do poder aéreo. O poder aéreo da Alemanha era superior ao da Inglaterra tendo em vista também que os pilotos ingleses evitavam o combate no ar, devido à superioridade numérica alemã e os ingleses sabiam das dificuldades da Luftwaffe de manter combates prolongados por suas limitações de combustível no ar.

Para Seversky o bombardeio de precisão seria considerado a principal finalidade da utilização da arma aérea de ataque às retaguardas. Colocava ainda, a importância da seleção dos objetivos ou alvos. O domínio do ar seria uma condição necessária, mas não suficiente, quer para vencer ou, para resistir. Seria buscar a supremacia aérea. Sendo o principal objetivo bloquear e destruir as retaguardas (infraestrutura - logística) e não os exércitos inimigos. Assim, os grandes bombardeios das retaguardas efetuados de forma indiscriminada (ex. grandes cidades), não seriam a forma adequada para se atingir outra das suas finalidades: a destruição da moral do inimigo.

Clausewitz pensa que o desígnio político influencia em todas as decisões da guerra, sendo a guerra a aplicação da violência pela política. O que também ocorreu na Batalha da Inglaterra.

aviação, aviões de todos os tipos, carne da Argentina, trigo do Centro-Oeste, e acima de tudo ilimitado crédito, para comprar todas essas coisas e muito mais. Para British “a única maneira de garantir que o crédito seria com uma vitória.”

Como a Alemanha nazista rearmava-se rapidamente depois de 1933, construindo a sua força de bombardeiros, apenas um homem, a figura central do livro de Korda, Marechal do Ar Sir Hugh Dowding, o criador excêntrico, irritante, teimoso, difícil e surpreendentemente previdente e líder da RAF comandante e lutador. Dowding perseverou, apesar da oposição, falta de financiamento e disputas internas e burocráticas para aperfeiçoar a força de caça britânica, bem a tempo de enfrentar e derrotar o ataque alemão. Korda (2011, p. 128-129)

Pelo livro depreende-se que a vitória da Inglaterra deu-se por causa da engenhosidade de Dowding que especificamente desafiou a sabedoria convencional sobre o bombardeiro, o que levou ao desenvolvimento do primeiro radar integrado e ao sistema de avião de combate e defesa. Estes sistemas, que derampoder ao papel do avião de combate, em vez do bombardeiro, permitiu aos esquadrões aéreo britânicos “atacar o inimigo quando ele se aproximou do ingleses”, assim, conseguiu-se com a conservação de combustível para uso em combate mais tarde, e tomar em última instância controle da batalha do ar. Isso definiu a vitória da Inglaterra sobre a Alemanha.

Dowding, após assumir o Comando de Caças, em 1936, reformou esse comando completamente, estruturando um sistema de defesa aérea baseado nas mais avançadas tecnologias, como o radar, rádios de alta frequência e caças modernos, sem o que sabia não ser possível vencer a guerra. “As aeronaves foram equipadas com identificador amigo ou inimigo, para “desconflitar” o trabalho dos operadores de radar”. (Korda, 2011, p. 42-45).

A previsão de Dowding permitiu à RAF um olhar além do paradigma da batalha aérea na I GM, e aceitar as inovações industriais e tecnológicas na próxima geração. Contudo, as estratégias de Dowding foram contraargumentadas de forma consistente com resistência por parte das figuras políticas da época. Como um exemplo, Korda descreve uma reunião entre Churchill e Dowding em 15 de maio de 1940.

Dowding era um visionário, tinha clarividência superior a dos demais brigadeiros e visualizava a “batalha futura”, bem como o que seria necessário para vencê-la. Dessa forma, “definiu que seu comando controlaria não apenas os caças, mas toda a batalha aérea,

Mas, Dowding reconheceu que a Luftwaffe alemã seriam mais numerosa em sua força, então ele evitava envolver a Luftwaffe em grandes batalhas aéreas. Esta estratégia permitiu-lhe obscurecer a disparidade de tamanho entre as forças britânicas e as forças alemãs. Ele executou uma "interminável série de alfinetadas letais", concebidas para diminuir o tamanho do frota aérea alemã e "provocando a força de bombardeiro alemã numa taxa de perda que não podia dar ao luxo de sustentar no longo prazo. Com efeito, tinha a intenção de "sangrar a Luftwaffe até a morte, não para impedi-la de bombardear a Inglaterra", ou "incentivar o combate caça, que foi dos um desperdícios de homens e máquinas.

Por outro lado, Hitler não acreditava que a Alemanha poderia precisar de defesa dos ataques aéreos. De modo que, ele estava mais interessado em bombardeiros. Além disso, a Luftwaffe alemã foi chefiada pelo Reichsmarschall Hermann Goring. Em que Korda os descreve como cegos pela vaidade e havia uma baixa opinião sobre sua atuação. Korda, (2011, p.138)

Goring acreditava que os bombardeiros britânicos eram esmagadores e de importância primária e chave para vender os inimigos. Consequentemente, os alemães valorizavam a quantidade sobre a eficiência com relação aos seus bombardeiros e pilotos.

8. Conclusão

A Batalha da Inglaterra é como se designou o conjunto de combates aéreos travados em céus britânicos sobre o Canal da Mancha, entre julho e outubro de 1940, quando a Alemanha tentou destruir a RAF (Royal Air Force) a fim de obter a superioridade aérea necessária para invadir Grã Bretanha com a "Operação Leão Marinho". Trata-se da primeira grande batalha inteiramente travada no ar. Foi a maior e mais concorrida das campanhas aéreas e prova inédita das estratégias de bombardeios que emergiram da I GM. Foi também da primeira vez que a Alemanha era derrotada, vendo freadas suas ambições.

Durante o verão e outono de 1940 da II GM, as forças aéreas alemãs e britânicas entraram em confronto no Reino Unido. Elas trançaram a maior campanha de bombardeio da história. A Alemanha queria a todo custo tirar a Inglaterra do cenário do conflito para que os ingleses a leste não dissipassem a atenção e os esforços dos alemães que queriam conquistar a Rússia.

